

# Monumentos

**A** Sua Excelência, o Furriel-general Comandante dos Monomentos Municipais, sentid' hop!

Excelência:

O signatário, cidadão conscientemente irrelevante porque dispensado do serviço militar, vem respeitosa e refutar algumas acusações que lhe foram imputadas e esclarecer que:

**1.** Ao contrário do que referem os autos, jamais declarou que "os monumentos de Lisboa nunca se destinaram a ser postos em praça pública mas em maquette de gabinetes de ministros, o que justifica certos defeitos naturais de imaginação e anatomia".

**2.** Como cristão e português, considera tal citação caluniosa e pejorativa, uma vez que em público ou em privado sempre considerou a nossa capital como uma das mais ricas do Mundo e do Ribatejo no que respeita à estatuária e à modernidade do arranjo público. Nesse sentido nunca deixou de sublinhar com imperecível gratidão a memória dos presidentes-a-cavalo coronel Salvação Barreto e França Borges, general, além do excelentíssimo apeado engenheiro Abecasis, profeta dos bombeiros do Chiado e aristocrata do "tu marialvíssimo".

**3.** Com referência ao tratador-atleta entre dois cavalos que alguém deixou um dia à sombra do Palácio da Justiça na Rua Marquês da Fronteira, declara-se o signatário irresponsável no todo ou em parte desse desleixo. Reconhece no entanto que isto de fazer cavalos seja em pedra ou seja em bronze não é coisa muito fácil. Senão veja-se o que aconteceu ao da estátua da Praça da Figueira que, por ser genioso de mais, não coube na Batalha nem em parte nenhuma e só parou em Lisboa, varrendo a cidade à volta.

**4.** De cavalos estamos nós bem servidos, graças a Deus. E isso porque foram todos trabalhados a escultores de puro-sangue e a rações de A-Bem-da-Nação, embora haja quem diga que o único cavalo digno de respeito nesta cidade é o do Cais das Colunas. Eu sobre isso não me pronuncio. Com li-

cença de V. Ex<sup>a</sup>, tomo apenas a liberdade de lembrar que nem só de cavalos vive a nossa escultura nem a Guarda Republicana. Temos também o leão da Praça do Marquês e a galinha da Guerra Peninsular em Entrecampos.

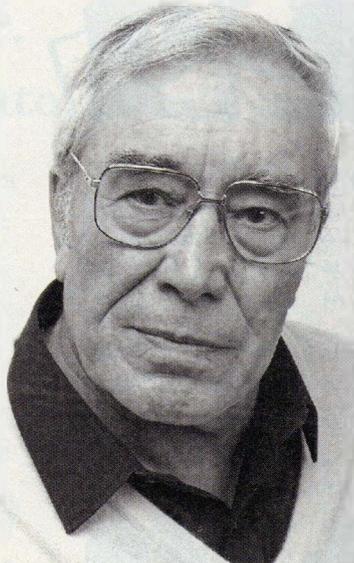
**5.** Suponho já terem chegado a V. Ex<sup>a</sup> certos boatos segundo os quais, do reinado do dr. Salazar, o verdadeiro escultor que ficou para a História teria sido um estrangeirado (Canto da Maia, salvo erro), seguido dum tal Francisco Franco, sujeito muito fradresco e muito dado ao vinho. Os restantes, os mestres que o saudoso professor engordou em jardins, pátios de honra e praças públicas (Leopoldos, Antónios Duartes, Martinses Correias e outros), não passariam de artimanhosos de encomenda.

Apresso-me a esclarecer que a este escândalo sempre fiz ore-lhas moucas. Admiro o Cristo-Rei almadense porque nunca fui ao Brasil e quanto ao padrão (estalinista, chamam-lhe os despeitados) onde o professor Leopoldo pôs os nossos navegadores a suar na corda dura cumpre-me confessar que é obra que me enche de comoção. Também gosto, sempre

gostei, daquele Padre Gusmão que o senhor Martins Correia pôs á saída do aeroporto para afugentar os turistas.

**5.** Mas gostar, gostar, para mim não há nada que se compare ao monumento do dr. Sá Carneiro feito pelo professor de talhe e corte senhor Soares Branco. Aquilo, sim. Com licença de Vossa Excelência, uma obra daquelas demanda mais rodeio que a dos cavalos e está mesmo à justa com o retratado que era uma moeda de ouro no meio da multidão que lhe trotava à volta. Sempre que por lá passo tenho vontade de me benzer.

E disse.  
Aguardando a tolerância de V. Ex<sup>a</sup>, subscrevo-me etc, etc.



José Cardoso Pires

**Nesse sentido nunca deixou de sublinhar com imperecível gratidão a memória dos presidentes-a-cavalo coronel Salvação Barreto e França Borges, general, além do excelentíssimo apeado engenheiro Abecasis**